

# A ESCRITA QUE DUPLICA, RETORNA, MULHER? AS FILHAS, DA MÃE!

Dra. Vanuza Souza Silva/UFAL

## RESUMO

Este texto, parte de minhas pesquisas de doutorado, analisa as condições históricas que tornaram possível em Campina Grande na Paraíba, o envolvimento de mulheres com crimes e violências diversos. Nesta parte analiso a constituição das identidades femininas e de gênero das mulheres presas nos seus escritos em forma de cartas. Inspirada nas teorias de Michel Foucault e Judith Butler, pensando a questão de gênero a partir do conceito de performance, discuto os lugares diferenciados que as mulheres ao se escreverem, constroem para si. Essas mulheres antes da prisão rompem com dados códigos criados para a mulher no social, escolhem o crime e a violência para definirem suas subjetividades, porém, no interior da prisão, performatizam os lugares sociais reconhecidos, a filha dócil arrependida, a mulher “regenerada”, a sonhadora, a trabalhadora, a estudiosa. Essas cartas inscritas a partir das memórias de si, de modo fragmentado e descontínuo, vão definindo o ser-mulher na prisão. Uma questão fundamental é compreender que essas memórias estão sendo escritas sob a vigilância do Poder Penitenciário, por isso, as memórias, os recortes temporais, são em grande medida, resultado dessas relações de poder estabelecidas no processo de escritas de si. As memórias estilhaçadas, são recortadas, unificadas para dar vida às mulheres que o Sistema deseja ver/ler, porque tais cartas são lidas e diagnosticadas pelos psicólogos e demais profissionais que trabalham no Sistema Penitenciário. As memórias que necessitam silenciar acontecimentos que contradizem essa “mulher arrependida” também são construídas nesse ambiente de disciplina não apenas do corpo, mas também e principalmente, da memória. O Sistema Penitenciário que acusa e vigia, deseja como retorno o discurso da recuperação. As cartas, nesse sentido, são artefatos e artes de existir em um contexto no qual lembrar significa acusar-se e escrever, salvar-se. Entre silêncios e murmúrios de passados que vão reelaborando outras identidades femininas, as presas inscrevem-se, como quem luta contra a “bandida” escrita no processo crime, como quem se levanta contra a própria memória jurídica em um gesto solitário, silencioso, mas revolucionário contra a ordem que lhe exige uma única identidade. Elas, as presas, negam-se enquanto criminosas, mas se inscrevem enquanto sujeitas “recuperadas”, ao mesmo tempo, constroem para si não penas gestos, mas textos onde a linguagem funciona como um grito de possível liberdade e libertação no interior de celas que só tenta as definir apenas como seres-prisão.

PALAVRAS- CHAVE: História, gênero, prisão

## ABSTRACT

This text, part of my doctoral research examines the historical conditions that made it possible in Campina Grande in Paraíba, the involvement of women with various crimes and violence. In this part I analyze the formation of women's and gender identities of women in prison in his writings in the form of letters. Inspired by the theories of Michel Foucault and Judith Butler, thinking the gender issue from the concept of performance,

discuss the different places that when women write, build for themselves. These women before the prison break coded data created for women in social, choose crime and violence to define their subjectivities, however, inside the prison, performatizam recognized social places, the docile daughter sorry, the "regenerated" woman the dreamer, the working, the studious. These included letters from the memories themselves, fragmented and discontinuous mode, the setting will be-wife in prison. A key issue is to understand that these memories are being written under the supervision of the Prison Authorities, therefore, memories, temporal clippings, are largely a result of these power relations established in the written process itself. Shattered memories, are cut, joined together to give life to women who want the system to see / read, because such letters are read and diagnosed by psychologists and other professionals working in the Prison System. The memories that need silencing events that contradict this "repentant woman" are also built in this discipline not only the body environment, but also and mainly from memory. The Prison System and accusing lookout, want to return the discourse of recovery. The letters in this sense, are artifacts and arts exist in a context in which to remember means to accuse and write, save yourself. Between silences and whispers of past ranging reworking other female identities, fall prey, as those who fight against "bandit" written in criminal proceedings, as one rises up against her own legal memory in a solitary, silent gesture, but revolutionary against the order, which requires a unique identity. They, fangs, deny themselves as criminals, but as fall subject "recovered" at the same time, build for themselves not feathers gestures, but texts where language functions as a cry for freedom and liberation possible within cells that only tries to define them only as beings prison.

Keywords: history, gender, women's prison

(...) O eterno Retorno é a Repetição, mas a Repetição que seleciona, a Repetição que salva. Prodigioso segredo de uma repetição liberadora e seletiva(Nietzsche)<sup>1</sup>

A destruição é criativa, afirma Nietzsche<sup>2</sup>, do abismo, do caos, as presas buscam saídas para se afirmarem. O desejar uma vez mais as taças cheias do banquete é, para Nietzsche, uma das possibilidades de afirmação da vida, uma maneira de fugir do

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>2</sup>NIETZSCHE, Friederich. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?, in: **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche**. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, pp 85-118.

pessimismo. Através das diferentes escritas das presas, depreendeu-se, no primeiro momento, a vontade de construir a verdade de si a partir de textos autobiográficos, como forma de se explicarem nas linhas da história, de interpretar suas trajetórias, criando uma linearidade temporal. Narram-se como se estivessem se confessando, mas também se sujeitando aos códigos disciplinares da prisão. Percebeu-se, nesse segundo movimento, a partir das escritas das presas, a duplicidade de suas vidas, as dobras que fazem em si mesmas, senão uma maneira de retornar a um modelo de mulher do qual fugiram, que negaram quando se envolveram com o crime e fugiram de casa, da mãe, dos filhos e das filhas, da maternidade, do casamento e de todo signo que reproduzisse os valores tradicionais do feminino.

Com Foucault<sup>3</sup> aprende-se que é incompatível pensar as narrativas de si de modo tradicional, porque se retira o sujeito da história, da história que ele (re)cria. Para Foucault o sujeito é fundado historicamente, por isso se faz necessário pensar o sujeito na descontinuidade das histórias que narram suas próprias vidas. O cuidado de si diz respeito ao modo como os sujeitos ocupam-se e preocupam-se consigo mesmo, uma forma de olhar para o interior.

As presas que se narram é o efeito do poder e não o a priori, são o choque e a articulação de discursos, leis, saberes. As vidas das presas são singulares, ecoam suas vozes já marcadas pelas disciplinas da prisão, da norma e condenação jurídica, vidas que em diversos momentos travam batalhas com o poder e são esquecidas na obscuridade e silêncios. As escritas das presas são o instrumento que as constroem, foram postas nos processos como sujeitas do mal, seus escritos desejam a libertação ou salvação deste conceito e definição, por isso a recolha de episódios que justifiquem suas vidas para as ruas, para o crime, vão até o interior da família e escolhem acontecimentos das relações familiares, dos amores violentos, dos abandonos no próprio lar para criarem a verdade para si, a cura de si, evidentemente que deus se torna a grande narrativa nesses textos, porque na prisão recebem visitas de representações religiosas (católicas, protestantes) e encontram nesse valor religioso, a explicação de suas vidas.

Os desejos do presente estão relacionados ao que e como lembramos, seja na memória individual ou coletiva. O retorno ao passado é sempre uma negociação com a identidade, o texto modifica o ser, a escrita é um redefinir e redescobrir o ser, as presas estabelecem uma negociação com a identidade-passado, buscam na linha do tempo

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, 2001.

organizarem um eu, uma mesmidade, construir as pontes de uma linearidade, mas acabam fundando a diferença, o esvaziamento de si porque elas mesmas não se encontram mais no passado que tecem e narram. A transfiguração de si pela reformulação é sempre conflituosa. A escrita só multiplica as presas, se elas retornam ao passado, seus gestos só as reduplicam. As lembranças só multiplicam os sujeitos da linguagem, na escrita tem-se o conflito entre o eu e o outro que o ser da linguagem se torna, a escrita é vazia de um sujeito único, exterior a si, múltipla, os sujeitos sempre se dissociam desse ser que escreve racionalmente sobre si.

O ser da linguagem não aparece por si mesmo mais do que no desaparecimento dos sujeitos (FOUCAULT, 1990, p. 2)<sup>4</sup>. Na linguagem tem-se os rastros das identidades perdidas. Na escrita o sujeito sempre está a desaparecer, porque o si é mesmo o outro. Por isso é preciso compreender as escrituras dessas presas não como revelações ou representações de quem escreve, mas o momento criador de quem escolhe a narrativa escrita para se inscrever e se criar diferente, inscrever-se avessa, desalinhada, descontinuada e de si perdida, mesmo que contra suas vontades de verdade que busca a constituição de um eu organizado, uma identidade explicada pelas escolhas de seus relatos. Deleuze<sup>5</sup> pensa o narrador de si como uma aranha que estende seus fios aos acontecimentos, aos rostos ao passado e com esses signos constrói-se à luz de sensibilidades involuntárias. É preciso livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. Foucault<sup>6</sup> inspira a mostrar o corpo marcado de histórias, assim como a história arruinando o corpo. Essas mulheres marcadas de diferentes histórias arruinam a história da homogeneidade do conceito de mulher, de crime, de feminismo, estão marcadas por vivências que ao serem descritas inventam outros processos de subjetivação, de relação com suas próprias subjetividades e escrituras.

A escrita é um ato performativo, diz Barthes<sup>7</sup>, um simulacro, afirma Deleuze<sup>8</sup>. As mulheres simulam, em seus textos, a mulher que querem ou deveriam se tornar, a

---

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. O Pensamento do Exterior. São Paulo: Princípios, 1990.

<sup>5</sup> Deleuze, Gilles. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro Forense Universitária, 2006.

<sup>6</sup> Nietzsche, a genealogia, a história In: \_\_\_\_ Ditos e Escritos II. Rio de Janeiro forense Universitária, 2000b.

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977 e BARTHES, Roland. O rumor da língua. Trad. Leyla Perrone – Moisés. São Paulo; Campinas: Brasiliense; Editora da Unicamp, 1988.

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. Platão e simulacro In: Lógica do sentido. Trad. Luiz Rovberto Salinas. São Paulo: perspectiva, 1974.

mulher que a sociedade espera, enquadrada em valores como o casamento, a maternidade, a passividade. Das sombras ecoam vozes duplas, o entre das subjetividades que romperam e cumprem o retorno ao que negaram. Essas mulheres, desde o primeiro capítulo vêm sendo discutidas como o descentramento, os signos da desterritorialização, da negação identitária do feminino, desde o primeiro momento venho discutindo mulheres que por diferentes motivos (financeiros, amorosos, familiares) afirmam suas vidas em outros campos e com outros estilos de vida. Do interior da prisão ecoam vozes também disciplinadas, mais do que isso, vozes performativas da docilidade, saudosas do lar, do materno, do teto que um dia abandonaram ou nunca tiveram. É nesse agenciamento de discursos familistas que constroem essa mulher-outra, que para o sistema seria a mulher recuperada pela disciplina jurídica. Elas evocam diferentes signos, um dos mais repetidos: a mãe; a doçura da mãe:

Ana Maria (24 anos), já apresentada neste trabalho, uma das vítimas fatais do incêndio ocorrido no início de 2012 na Penitenciária pesquisada. Ana Maria combateu o sistema até a morte, era uma das presas que mais esteve no isolamento, mas seus escritos performatizam muito mais a resignação, a culpa, a confissão de quem se sentia ré, contrariando a sua altivez e combate que a conduziu à morte:

Quero que saiba que eu lhe amo muito e palavras não explica pos eu estou com muita saudade quero lhe pedi sua benção e seu perdão por le cauza tanto disgosto, mainha estou muito arependida pos nunca me sentie tão só e nunca tinha pecebedo que eu era a pessoa más feliz do mundo por que eu nacie de uma mulher guerera e maravilhoza que é a senhora minha vida e o melhor presente que Deus mim deu eu tenho orgulho de ser a sua filha que te ama e sente muito a sua falta espero que mim perdoe por te fazer sofre más eu jamas vou deixa de te amar mainha quero que saiba que o verdadeiro amor nem, mesmo a força dos tempos é capas de destrue, obrigada por mim ama e por senpre está com migo nas horas que eu preciso hoje eu falo e o tempo vai mim da a chance de te mostra como é grande o meu amor pela senhora quero que saiba que esse luga mim fes percebenque eu tenho uma mãe única e maravilhoza e guereira (...agradeço a Deus pos eu tenho asenhora e a distância não separa e nem diminue o meu amor pela senhora te amo nunca esqueça ta um forte beijo e abraço de uma pesso que te ama mas que tudo nessa vida. Saudades de sua filha que te ama. Mim escreve <sup>9</sup>.

Ana Maria era como um pai de família, prostituía-se para sustentar a mãe e o irmão mais novo, passava poucos dias em casa, passava a maior parte do tempo fora de casa. Desde menina se envolveu com a prostituição para sustentar a família, depois com

---

<sup>9</sup> Carta entregue no dia 06 jun 2011.

drogas. Essa carta foi escrita quinze dias antes da sua morte. No texto destaca a força da mãe, porque esta foi a sua única referência familiar. Esse modelo de família é bastante comum entre as mulheres presas, mulheres solitárias criando filhos e filhas que por motivos diversos envolvem-se com crimes. A mãe de Ana Maria também trabalhava em casas alheias, desde jovem trabalhava. Ana Maria é filha de um relacionamento que não deu certo, da mesma forma, seu irmão. Abandonada por dois homens, essa senhora dedicou-se aos filhos. O pedido de perdão de Ana Maria está relacionado ao fato de saber que a mãe não aprovava sua vida na prostituição e nas drogas, mesmo tendo ela orgulho de ser prostituta, mas o lugar da traficante não quis, não pôde, não conseguiu assumir.

Nas escritas dedicadas às mães as presas pedem perdão pelos erros, possivelmente estão tratando dos crimes cometidos, mas negados nos inquéritos por muitas delas, nas entrevistas, no cotidiano na prisão. Nas cartas para as mães se narram de outras maneiras e com outros estilos de linguagem, dobram a agressividade, duplicam a identidade e negam a agressividade e violência que praticaram e com a qual se armavam no cotidiano e na prisão. Pedem perdão mesmo quando a mãe não mais está viva. Luciana Fausto (57 anos) escreve para sua mãe falecida:

Olá querida primeiro que tudo peço que me abencao para que eu seja mais feliz [...]mãe gostaria que acinhora pudesse me perdão por ler lhe dado esse desgosto porisso lhe pesso perdao de fundo do meu coração arrependidoeu lhe amo e sei que a senhora também me ama [...] <sup>10</sup>.

O pedido de perdão se repete em quase todas as cartas. Shirley Soares (29 anos), que em toda entrevista acusa a mãe de tê-la influenciado para o crime, também fala de perdão. Da mesma forma que Ana Maria, Shirley fora abandonada pelo pai ainda no ventre da mãe. Para ela, o pai – um caminhoneiro – a abandonou por motivos de traição da mãe, e pelo fato de ela ter-se envolvido com drogas. Shirley morou com avó durante anos, voltou a morar com a mãe, quando envolveu-se com período em que se envolveu com as amigas da mãe e com as drogas. Pede perdão não pelo crime, mas por ter nascido: perdão por eu ter nascido, ter estragado sua felicidade [...], afinal eu nasci no dia tão especial, tão importante para uma mulher, o seu dia, o dia do seu casamento <sup>11</sup>. Escreve-se atribuindo a si o lugar do caos, da destruição de uma união, de um lar, agora culpa-se em lugar de culpar a mãe.

---

<sup>10</sup> Carta entregue no dia 11 jun 2011.

<sup>11</sup> Carta entregue no dia 10 jul 2011.

Tatiana Figueiredo (22 anos) quando escreve para a mãe, escreve voltando-se ao tempo, retirando do passado, abraços, escrevendo sobre o lugar atribuído à mãe: aconchego, ternura: “[...] mãe choro toda noite pensando na senhora quando a senhora chegava e mim dava um abraço e um beijo e mais a vida nos separou mãe estou sofrendo muito nesse luga longi de casa dos meus filhos da minha vida [...]”<sup>12</sup>

Simone Bezerra (43 anos) também apresentada, presa por diversos assaltos e agressões na prisão, tece um pedido de perdão que lembra o seu caráter de violência e que possivelmente deve ter atravessado a sua relação com sua mãe: “[...] mim perdoe por cada lagrima que fiz cair dos seus olhos pelas palavras duras que saíram de minha boca” [...] <sup>13</sup>. Há pedidos de perdão que narram, sobretudo, os aprendizados: “[...] hoje sei o quanto vale um conselho de uma mãe, mais nunca é tarde para recomeçar uma nova vida, foi só caindo neste abismo para aprender a dar mais valor a tudo que tenho [...]”<sup>14</sup>, escreve Mirelli Henrique (28 anos), presa reincidente por tráfico de drogas e que acusa as amigas de a terem a conduzido ao crime. Confissões de arrependimento como o faz Rose Batista (32 anos) em uma carta pintada com flores e folhas: “[...] mãe se eu tivesse de escutado oje eu não estaria nessa vida tão triste que mim encontro hoje”<sup>15</sup>. Acusa o marido de tê-la conduzido para o crime e prisão, reincidente, foi presa pela segunda vez levando drogas para o companheiro na prisão.

As mães são as principais referências nessas escritas para essas mulheres pelo fato de muitas presas serem filhas de mães solteiras, outras, embora questionando a mãe na prisão, nas entrevistas, questionando o próprio lugar do casamento, nas cartas referenciam os valores que atribui à mãe e ao casamento como o faz Shirley quando pede perdão à mãe por ter estragado a felicidade da mãe.

Para Castelo Branco<sup>16</sup> as escrituras femininas são sempre escritas que materializam o processo de interiorização: É uma escrita do dentro: o interior do corpo, o interior da casa. Escrita de retorno a esse dentro, nostalgia da mãe e do mar (1994, p. 98). Nas cartas, alguns signos das relações cotidianas entre mãe e filhas, Marta Luzia (26 anos), presa por tráfico de drogas, escreve: “[...] quando for mandar minhas coisas pode mandar de tudo só o que não entra é chocolate preto mande mais coisas pra mim o

---

<sup>12</sup> Carta entregue no dia 10 jul 2011.

<sup>13</sup> Carta entregue no dia 11 jul 2011.

<sup>14</sup> Carta entregue no dia 11 jul 2011.

<sup>15</sup> Carta entregue no dia 11 jul 2011.

<sup>16</sup> CASTELLO BRANCO, L. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

que a senhora ta mandando infelicamente ta sendo Pouco<sup>17</sup>. Essa fala é significativa para pensar a reprodução do lugar da mãe enquanto aquela que cuida, que zela e se doa quando doa, a presa pede à mãe sua alimentação, porque certamente em casa é esse o lugar da mãe, o lugar construído para a mãe, o de doação e entrega. Leonarda Lacerda (39 anos) não pede comida, pede presença, cobra afeto: “[...] mainha o motivo maior dessa carta é a minha visita que já tem dois domingos que nem a senhora nem [...] vieram trazer meus filhos para ficar comigo um pouco, eu espero que vocês tenham consciencia e não me abandonem aqui [...]”<sup>18</sup>. Leonarda, presa ter assassinado o esposo, reincidente por duas vezes, marcada no processo como uma mulher violenta, na carta implora a companhia da mãe e dos filhos, inscreve o aprendizado de que a mãe é essa mulher dócil, que cuida, mas ela se construiu exatamente dobrando esse papel social da mãe, os filhos viviam com os pais dos companheiros, não optou pela maternidade tradicional, entregou os filhos à família, como uma negação desse papel que atribui uma série de obrigações ao lugar da mãe, ela não cumpriu seu papel, mas cobra da mãe.

As mães aparecem como o signo do amor, da docilidade, da força, nelas constroem o retorno para o modelo de mulher docilizada, resignada, modelos abandonados, mas agora, do abismo de si, dobram-se para reterritorializarem-se novamente, retomam para si a vida que deixaram, reterritorializam o familiar, o materno. Nesse sentido as narrativas de si performatizam papéis de gênero, papéis tradicionais das mulheres porque as presas estão escrevendo e simulando os códigos que são desejáveis na prisão, linguagens que restituam o seu lugar também na sociedade, palavrões ditos no cotidiano são silenciados, sentimentos de agressividade e revolta esquecidos, nesse sentido, somente pensando a escrita como performance penso essas narrativas como sendo femininas.

Inscrevem introjetando a filha saudosista, inscrevem-se, no mesmo sentido, introjetando a mãe, a mãe que tece pedido de desculpas e perdão, que mais uma vez assume erros, elas também escreveram sobre seus lugares de mãe. Para muitas, os filhos, as carências dos filhos, conduziram ao roubo, para outras são o motivo pelo qual deseja sair da prisão, mas também foram eles, os filhos, os quais por muitas foram abandonados, entregues ao conselho tutelar, como é o caso dos filhos de Mariinha (35 anos), presa por furto e roubo, moradora de rua. Essas mulheres quando escrevem sobre

---

<sup>17</sup> Carta entregue no dia 11 dez 2011.

<sup>18</sup> Carta entregue no dia 11 dez 2011.



o tema da maternidade feminizam suas escritas. Se existe a escrita feminina na prisão, esta deve ser pensada assim como uma simulação, uma recriação de si. Suas escritas são reveladoras das ambiguidades que constituem as presas, dos paradoxos das mulheres que romperam com um dado padrão do feminino e que para esse mesmo modelo retornam. Não se trata de enquadrar essas narrativas em conceitos engessados de gênero, mas discuti-las, posto que constituem mais uma arte de fazer, de existir, de cuidar de si, compostas pelas mulheres em situação de prisão.

Karol Julia (26 anos), presa por tráfico de drogas, disse aos filhos que iria viajar, o esposo estava preso em outra cidade também por tráfico. Karol é filha adotada, órfã de pai e mãe, tem nos filhos o exercício do desejo de retornar para casa:

[...] meus amores saibam que mamãe ama muito vocês e vai estar sempre perto de vocês protegendo, dando muito amor e carinho. No momento não estou podendo ficar perto de vocês agora mas logo vou estar bem pertinho, queria que vocês mim perdoasse por todo sofrimento, nunca mas vou ficar longe de vocês, Matheus queria que você estudasse pra poder passar de ano e obedesa as irmãs da escola ta certo, cuide da sua irmã brinque com ela direitinho, faça as tarefas e ore antes de de dorme, que aprendeu na prisão para aliviar a culpa <sup>19</sup>.

Ela escreve sobre o cuidado de si que passa pelo cuidado dos filhos, a orientação aos estudos, a orientação à fé que aprendeu na prisão quando se converte ao espiritismo kardecista, são falas que significam os aprendizados dessa mãe na prisão, que nas ruas, deixava os filhos em casa só, para roubar com o marido, mas agora distantes, são objetos de uma aprendizado sobre si, sobre a prisão, sobre os filhos.

Os pedidos de perdão, o registro de culpa também são expostos para os filhos, continua Karol: [...] meus queridos filhos [...] conto os dias e as horas para que eu possa sair desse lugar [...] queria que vocês mim perdoasse por todos sofrimentos. Mas quando sai vou recomesa uma nova vida com vocês [...] <sup>20</sup>.

As mães pedem perdão, pedem que os filhos sigam exatamente o caminho oposto, que é o dos estudos. Tatiana Figueiredo (22 anos), já apresentada, seguiu o caminho oposto da mãe, das irmãs, filha de uma professora, irmãs de professoras, seguiu o crime, rompeu com a tradição intelectual da família, mas nesse retorno ao caminho do lar e da casa nesses escritos pede que os filhos não façam de sua vida um espelho:

---

<sup>19</sup> Carta entregue no dia 11 abr 2011.

<sup>20</sup> Carta entregue no dia 11 dez 2011.

[...] discupa por te erado tanto com vocês mais quero que vocês saiba que sem voc6es não tou conseguindo vive ta sendo muito dificio [...]quero que voces faça diferente da mãe de vocês quero que voces estude trabalhe não vá faze nada que um dia eu fiz [...] quero que vocês saiba que a mae erro [...] <sup>21</sup>

Essas mulheres revelam em seus textos aprendizados, estão lendo suas vidas de modo a significar a diferença e repetição que circundam suas memórias, romperam com muitos valores sociais, mas nas cartas inscrevem os desejos de repetir os valores da maternidade, do casamento, do amor. Tatiana feriu um homem para roubar, tentou incendiar várias vezes a penitenciária, mas escolhe outros códigos para aprender e ensinar uma trajetória para os filhos. Elas decifram-se e recriam-se e retornam.

Algumas mulheres selecionam o que querem que retornam, sabem que para serem aceitas socialmente e apontadas dentro do sistema como mulheres de bom comportamento, devem imprimir dados sentimentos, negam o que pode ser negado, afirmam-se do ponto de vista do que pode ser aceito, por que

O eterno Retorno deve ser comparado com uma roda; mas o movimento da roda está dotado de um poder centrífugo, que afugenta todo o negativo. Já que o ser se afirma do devir, expulsa de si tudo o que contradiz a afirmação, todas as formas do niilismo e da reação: má consciência, ressentimento(Deleuze. 2000, pp. 47-51)<sup>22</sup>.

Claudiana Barros (36 anos), presa por roubo e furto, na prisão optou por uma relação amorosa com uma companheira de cela, viúva, também escreve para os três filhos:

(..) se soubessem o quanto amo vocês sei que a vida da gentemas vezes toma rumo diferentes mais quero que saibão o quanto amo vocês. Sou umpouco afastada mais nunca deixei de amalos, sei que estão bem cuidado e já são grandes o bastante para entender o que é certo e o que é errado. A mãe se envolveucom pessoas erradas e se encontra presa mais logo vou recuperar todo esse tempo perdido e vou passar a te-los mais do meu lado <sup>23</sup>

O tempo perdido, o tempo que se perde, tempo que ensina, na prisão, a se criar outro lugar para si, para a mãe, para os filhos e que na prisão internaliza o olho do juiz a partir de alguns detalhes do cotidiano com a filha. Ausência, essa é a palavra que demarca a relação dessas filhas, das mães! Cátia Souza em um desenho amarelo e azul

---

<sup>21</sup> Carta entregue no dia 11 dez 2011.

<sup>22</sup>DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Madri: Arena, 2000.

<sup>23</sup> Carta entregue no dia 12 maio 2011.

do pato Donald, o que fala de um símbolo da sua infância, escreve para o filho, o qual entregou ao pai para criar:

[...] estou escrevendo essa carta para te dizer que te amo muito mesmo que eu tenha sido uma mãe, ausente, quero que saiba que você é muito querido e amado por mim. Sempre quis ter visto suas primeiras palavras, seus primeiros dentinhos, seus primeiros passos, seu primeiros dia de aula, mas mesmo de longe nunca deixei de pedir ao seu anjo da guarda que te protegesse, me perdoa por eu não ter sido a mãe que você merecia ter, me perdoa por não ser uma mãe de quem deva se orgulhar [...]<sup>24</sup>.

Suas escritas negam, nesse momento, a transgressão que criaram suas vidas, reproduzem o discurso da norma, da prisão. Em lugar de descentralizar-se, reterritorializam-se. As escrituras das presas são fugas de um dado debate feminista que discute a escrita da mulher como sendo apenas o falocentrismo. As escritas de si, das mulheres, enfim, são contingentes, históricas e explicam-se a partir das temporalidades e espacialidades que ocupam e que constroem.

O discurso feminista que se apropria da escrita das mulheres muitas vezes não problematiza a categoria do sexo feminino como uma construção histórico-social. Quando a escrita feminina é discutida, ora se inscreve a ideia de um texto/corpo relutando contra o dito patriarcalismo, ora se pensa a escrita como uma busca pelo feminino. O lugar do feminino é engessado dessa forma e pensado a partir de uma única possibilidade. Como propõe Certeau: Não é que apenas as mulheres possam escrever a história das mulheres, mas que a história das mulheres traga à luz as questões de domínio e de objetividade sobre as quais as normas disciplinares são edificadas<sup>25</sup>. As mulheres nos textos que escrevem mostram os giros que precisam e precisaram fazer para sobreviverem à prisão, as resistências ao sistema muitas vezes findam em práticas trágicas, fatais. As apenas percebem nesse momento, estrategicamente, que a necessidade de se inscreverem docilizadas, disciplinadas podem redundar na concessão de certas benesses (como o direito a visitas e lanches) as quais podem ser entregues (como cosméticos) ou se materializarem através da diminuição da vigilância por alguns segundos sobre seus corpos. Estão com essas cartas negociando também com o poder, infantilizam as cartas com desenho de flores, árvores, casas, pássaros, ao mesmo tempo

---

<sup>24</sup> Carta entregue no dia 12 maio 2011.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel apud SCOTT, Joan. In: BURKE, Peter. A escrita da história – novas Perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade paulista, 1992, p. 36.

em que reproduzem os códigos, as cores(rosa) de um conceito de feminino que circula socialmente.

A história das mulheres que escrevem, discutida por alguns feminismos, geralmente reproduz o mito da vagina escritora, ressentida com o falo ou porque foi abandonada ou porque inveja aquele. Pensar as narrativas das mulheres requer, sobretudo, análise das condições histórico-sociais onde aquelas estão inseridas, ver as rupturas e descontinuidades de suas escritas, entender as relações de poder que se inscrevem nos textos e que modelos de feminino estão sendo quebrados, (re)criados, é querer estudar o feminino sem a premissa de que ele existe em si, pronto pra ser estudado, porque “Os discursos sobre o corpo e a sexualidade e a divisão hierarquizada dos seres humanos em mulheres e homens, são, de fato, efeito e instrumento do poder instituinte”<sup>26</sup>.

O discurso feminista deve, pois, basear-se “no corpo da escrita e não na escrita do corpo”<sup>27</sup>. Problematizar a verdade que os discursos produzem sobre o feminino, dispersá-los. Como diz Foucault: “[...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder”<sup>28</sup>. E, para Swain apud Lauretis (2000), “não devemos pensar que o sujeito do feminismo é a mulher ou as mulheres, mas o construto teórico que produz os sexos, os gêneros, a sexualidade”<sup>29</sup>.

Pensando com Judith Butler<sup>30</sup> e sob inspiração de Foucault<sup>31</sup>, acredita-se, nesta tese, ser necessário dismantlar o sujeito que fala, dispersá-lo, em lugar de pensar se a sua escrita é feminina ou masculina. Judith faz um convite à descentralização do sexo nas análises aqui empreendidas, isto porque o sexo é mais um discurso histórico, assim como o é o gênero. Judith Butler<sup>32</sup> diz ser um equívoco separar sexo de gênero, porque para ela não existe uma sexualidade anterior ao gênero, os sexos, a ideia que temos do

---

<sup>26</sup> SWAIN, Tânia. **Quem tem medo de Foucault?** In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, Rio de Janeiro; NAU editora, 2000.

<sup>27</sup> Showalter, SHOWALTER, E. **A Crítica feminista no Território Selvagem** pp. 23 – 57 In: \_\_\_ HOLLANDA, H.B. Tendências e Impasses – O Feminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro Rocco, 1994.

<sup>28</sup> Ver SWAIN, Tânia. Quem tem medo de Foucault? In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, riode Jan; NAU editora, 2000.

<sup>29</sup> LAURETIS, E In: SWAIN, Tânia. Quem tem medo de Foucault? In: BRANCO, G. C. Retratos de Foucault, riode Jan; NAU editora, 2000., p. 155.

<sup>30</sup> BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira (sujeito e história), 1999..

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro 1982, p. 27

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 68.

nosso sexo, assim como o gênero é um discurso, um conceito, que precisa ser dispersado. O gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele é o meio discursivo e cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura. [...] Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural-gênero<sup>33</sup>. A crítica de Butler constrói-se no sentido de pensar o corpo, o sexo, o gênero não como categorias existentes em si, mas produto de relações jurídicas, políticas, culturais, que instituem uma verdade para os sexos, uma verdade de heterossexualização dos desejos, que se divide entre os desejos do macho e da fêmea, apenas. A novidade e polêmica do pensamento de Butler é o fato de ela mostrar que o gênero em lugar de questionar a divisão binária dos sexos, legitima-as e as institui. Foucault nos mostra também como na nossa sociedade moderna se parte do sexo para se definir as funções sociais dos indivíduos, ao mesmo tempo em que se escondem as estratégias de produção do masculino e feminino a partir dessa naturalização do sexo, a qual produz o regime da sexualidade na sociedade moderna. Pensando com esse autor, não existe uma mulher, um sexo que o gênero possa definir, porque o gênero não existe em si, é um estilo, um teatro do corpo: “Um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma naturalização do ser”<sup>34</sup>.

Pensar o gênero como uma prática performática, é tentar ver o deslocamento, a subversão das identidades e subjetividades, apreciar o que não se funde e se confunde num só corpo, num gesto. Criar problemas de gênero é querer pensar as discrepâncias entre o corpo, o sexo e os discursos que o fundam. Diferentemente do feminismo essencialista, Butler não quer fazer uma história das origens do patriarcado, porque para ela, “o sexo fabricado, o gênero construído, o corpo marcado e estabelecido é tudo o que existe”<sup>35</sup>.

Parafrazeando Foucault e Butler, não existe a mulher ou as mulheres que o feminismo apregoa. O sexo não é a origem, mas efeito de uma tecnologia da sexualidade que cria realidades, instituindo a diferença sexual, a diferença dos corpos. O feminismo precisa partir desses discursos que naturaliza, porque “somos obrigados em nossos corpos e em nossas mentes a corresponder traço por traço a ideia de natureza que

---

<sup>33</sup> idem, *ibidem*, p. 55.

<sup>34</sup> Ver BUTLER, J. Op. Cit. P. 28.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*, p. 45.

foi estabelecida para nós, [...] homens e mulheres são categorias políticas e não naturais<sup>36</sup>. Se o gênero é uma performance, aparência, fantasia, ato que em repetição cria realidade, a tarefa do feminismo hoje é situar as estratégias de repetição que constroem as identidades, ao mesmo tempo, tornar visível a subversão dessa repetição, momento em que o gênero é contestado enquanto definidor de um sexo, de um corpo.

As mulheres que escrevem na prisão, reproduzem o papel tradicional da mãe, da filha, da mulher, contrariando os lugares que escolheram para definir seus lugares de mulher no crime, na vida, nas ruas. A escrita é a performance exatamente de quem rompeu os limites do gênero, do corpo e foi para as ruas matar, roubar, assaltar, morar nelas e enfrentar a definição de que apenas os homens violentam, porque a escrita criada na prisão, necessita criar também deslocamentos, descontinuar o corpo da narração, mas enquanto performance, quando violentam, matam, estão reforçando a cultura masculinizante que faz da violência uma prática social de afirmação

---

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 45.